



**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS DE SERGIPE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E DIVERSIDADE
LINGUÍSTICA**

VIVISON CARDOSO DE SOUZA

**LÍNGUA, IDENTIDADE E ENSINO: A INFLUÊNCIA DAS
CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NO ENSINO DE
LÍNGUA MATERNA DURANTE O ENSINO
FUNDAMENTAL MAIOR**

**ARACAJU
2016**

VIVISON CARDOSO DE SOUZA

**LÍNGUA, IDENTIDADE E ENSINO: A INFLUÊNCIA DAS
CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NO ENSINO DE
LÍNGUA MATERNA DURANTE O ENSINO
FUNDAMENTAL MAIOR**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Pós-Graduação e
Extensão – NPGE, da Faculdade de Administração de Negócios de Sergipe –
FANESE, como requisito para obtenção de título de Especialista em Ensino de
Língua Portuguesa e Diversidade Linguística.**

Prof. Me. Cezar Alexandre Neri Santos

Avaliador

Profª. Ma. Mônica Soares

Coordenadora do Curso

Vivison Cardoso de Souza

Nome Completo do Aluno

Aprovado com média _____

Aracaju (SE), 05 de janeiro de 2017.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – O jeito que você fala é o mesmo que você escreve?.....	18
Gráfico 2 – Em sua opinião, a língua escrita é mais correta que a falada?.....	19
Gráfico 3 – Para escrever direito, é necessário mudar a maneira de falar?.....	20
Gráfico 4 – Quem fala melhor?.....	22
Gráfico 5 – Você acha a língua portuguesa ensinada na sua escola.....	24
Gráfico 6 – Você acha que aprender as regras gramaticais é:.....	25

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo descrever e analisar as crenças e atitudes linguísticas de estudantes do ensino fundamental maior (EFII) de uma escola privada de Nossa Senhora do Socorro, município da região metropolitana de Aracaju-Sergipe, perante a Língua Portuguesa, questionando-os sobre aspectos escolares e extraescolares que influenciam no ensino-aprendizagem. Para melhor abordagem e entendimento, realizou-se uma pesquisa de campo, através de um questionário, com 40 (quarenta) alunos, 10 (dez) de cada série, do 6º ao 9º Ano.

Palavras-chave: crenças e atitudes linguísticas; ensino; identidade; língua portuguesa.

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS

RESUMO

1 INTRODUÇÃO	6
2 DOS ESTUDOS E CONCEITOS DAS CRENÇAS E ATITUDES	
LINGUÍSTICAS.....	10
3 ENSINO DE LP PAUTADO NAS CRENÇAS, ATITUDES E IDENTIDADE	
LINGUÍSTICA.....	12
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS.....	16
5 CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS	27
ABSTRACT	29
APÊNDICE	

1 INTRODUÇÃO

Aluno: - Professor, português é um “pobrema”!

Professor: - Problema é você falar assim!

A língua é um fator social determinante da vida humana e um sistema que identifica e diferencia povos, grupos e indivíduos dentro de uma sociedade. Ao mesmo tempo em que une, pela comunicabilidade, segrega pelas diferenças entre as falas dos humanos. O seu poder é tão antigo quanto às primeiras civilizações, e no contexto histórico, ela - quase sempre - foi instrumento de dominação, estigma, e julgamento alheio.

No caso do Brasil, fomos mais uma vítima de subversão linguística como forma demarcativa da “descoberta”. Advinda de um processo glotocida e discriminatório, a língua, a LP do Brasil foi normatizada apenas em meados do século XVIII, dissiparam ideologicamente os falares indígenas. Quer dizer, impuseram aos nativos brasileiros uma nova língua - o Português Europeu -, à qual posteriormente foi mesclada com outras etnias (europeus e africanos) durante o regime colonial. Esse processo influenciou severamente a construção de uma bifurcação da língua lusitana, criando então a Língua Portuguesa do Brasil ou Português brasileiro.

As diferenças sociais acabaram refletidas no cenário sociolinguístico do Português brasileiro, resultando numa polarização sociolinguística (LUCCHESI, 2015), aliada ao ensino desta língua, que tem tomado, desde a educação jesuítica no século XVI, um caráter impositivo e regrador, na qual a diversidade sociolinguística de um país num território com dimensões continentais e as influências multiculturais têm sido desprezadas. Por mais que todos se entendam, acreditem que falem o mesmo português, há julgamentos de pertença ou de diferença nos falares.

Essa discussão parte do ensino e na figura de língua dominante (norma padrão/culta, ideológica - Escrita) e dominada (norma coloquial, variacionista – Fala), contribuindo para o preconceito e a tentativa de diglossia dentro da própria língua. Segundo o filólogo Serafim da Silva Neto (1917-1960) citado por Faraco (2016, p.142) “a vitória do português não se deveu à imposição violenta da classe dominante. Ela explica-se pelo seu prestígio superior, que forçava os indivíduos ao uso da língua que exprimia a melhor forma de civilização”. Ou seja, a língua portuguesa era responsável

por transformar os nativos em gentis – pessoas civilizadas, simultaneamente excluindo quem não se apropriava da mesma linguagem.

Isso se reverberou no português brasileiro, onde de um lado: uma “norma culta” empregada por uma camada restrita da população, essencialmente urbana e letrada (e, por conseguinte, branca); e, do outro, uma “norma popular”, empregada pela ampla maioria da população, antes rural, mas, desde a segunda metade do século XX, também urbanizada, num processo de ocupação desordenada das cidades por um enorme contingente de pessoas expulsas do campo pela concentração das terras férteis nas mãos de uma reduzida parcela de proprietários fundiários. Essa norma popular teria sua origem no contato de falantes de outras línguas (indígenas e africanas inicialmente e, mais tarde, também, línguas de imigrantes europeus) com o português, aprendido de modo irregular como segunda língua e, posteriormente, transmitido, com suas características próprias, às gerações sucessivas, já não conhecedoras das línguas ancestrais, num processo de nativização dessas variedades. Criando as variantes linguísticas dentro do português brasileiro.

À vista disso, as escolas servem como “enraizadoras” de tal domínio linguístico europeizante, projetando, de forma conservadora, uma língua padronizada e artificial (norma padrão), não falada nem dentro do próprio espaço territorial brasileiro, promovendo, assim, a ideologia dominante e o preconceito linguístico. Para Faraco (2004), a língua culta ou de prestígio é uma convenção da elite intelectual que impõe através das normas suas intenções de domínio. Infelizmente a história mostra que o ato de ensinar a língua portuguesa no Brasil corrobora os mecanismos de dominação na escola e nos diversos meios de comunicação. Tais mecanismos se dão de forma cíclica, pois os mesmos dominadores se submetem sincronicamente aos padrões externos, já que os conservadores do domínio lusitano perpetuam a colonização e a capitania da língua. Daí a necessidade de flexibilização das referências para concretizar o pensamento favorável da linguística à transformação histórico-social do português brasileiro.

Desse modo, as crenças de *que não se sabe português* e *que é uma língua difícil* estão impregnadas nos sujeitos falantes desde as séries iniciais e se prolifera entre as gerações. Geralmente, esta assertiva é parte do discurso do docente/sistema, aquele mesmo que corrige, despreza e suscita o preconceito do seu alunado. Dispensa assim, o argumento de Bortoni-Ricardo (2004) de que a língua é construída a partir dos aspectos sócio-históricos e variacionistas os quais precisam ser levados em conta toda a

subjetividade intrínseca do aluno, pois a sociedade em si diverge e discute. E a língua, assim como a escola, precisa ser sensível e respeitadora, pois a exigência da norma-padrão garante a existência da língua culta, no entanto, jamais evitará os usos miscigenados pelas interferências socioculturais e históricas, visto ser a língua a maior forma de expressão de seu povo.

A crença de que há dificuldades em se estudar a língua portuguesa e o domínio da norma acabam refletindo em atitudes linguísticas de preconceito/julgamento, gerando uma repulsa no alunado quanto ao estudo de sua língua materna/disciplina, inviabilizando a aprendizagem e competências de outras áreas do saber.

A língua é marcadora cultural, pois nela estão intrínsecos um conjunto de valores espirituais e materiais, padrões de comportamento, crenças e instituições, transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade. Precisa-se respeitar e valorizar esses elementos intralinguísticos, pois qualquer atitude inversa corrobora com o preconceito.

Isso acaba problematizando o processo ensino-aprendizagem de língua materna, doravante LM. Algumas perguntas de pesquisa serão respondidas por meio do questionário: *Quais as crenças linguísticas depositadas nos discentes quanto a sua língua materna? Como isso pode repercutir na formação identitária escolar do falante e no processo de reeducação sociolinguística? Quais as atitudes linguísticas dos alunos perante a língua portuguesa? Como eles enxergam sua língua em detrimento de outras?* Tais indagações perpassarão em todo o trabalho, a fim de nortear discussões e incitar a reflexão do tema.

O presente trabalho teve como motivação o depoimento de um aluno, durante as aulas de LM no 6º Ano - segmento Ensino Fundamental II, no qual um processo novo ocorre no (in)consciente da criança - a substituição da pedagoga (ensino polivalente ou Fundamental I) por um professor especialista de cada área de ensino. Tal novidade revela um estudante revestido de uma ideologia imposta e certamente velada durante a sua alfabetização com a “consciência” de que precisa chegar ao patamar de falante ideal, reconhecendo-o sua pequenez no processo. Como “um novo cidadão”, agradece ao professor pelas novas adequações linguísticas e lexicais construídas durante o primeiro semestre do ano letivo: por meio deste bilhete:

“Muito obrigado professor o senhor me mudou o bastante antes falava com muitas gírias mas grassas ao senhor fui a uma festa e uma mulher muito esperta falou que eu falo bonito e elegante e tudo isso devo a Vivison Cardoso”

Na declaração acima, mesmo com algumas incorreções de pontuações e ortografia, o sentido é compreensível. Quanto ao seu conteúdo, percebe-se que há um equívoco nas crenças depositadas nesse aluno durante sua trajetória escolar: sua alfabetização/formação não foi embasada por postulados da (socio)linguística. Ao contrário, tal discurso é constantemente reproduzido e reflete a maioria dos falantes de língua portuguesa e uma educação pautada em juízos de valores controversos.

A partir da análise discursiva deste agradecimento, podemos inferir, dentre outros, que:

- O aluno não distingue a ‘fala’ da ‘escrita’;
- A gíria, segundo o aluno, é algo pejorativo/negativo;
- Aprender a Gramática Normativa é “falar bonito”;
- As crenças “do falar bonito e elegante” da moça e do autor da dedicatória são influenciadas pelos padrões sociais elitizados;
- A “esperteza” da mulher está em perceber a mudança no falar do autor do texto, o que a torna mais especial e inteligente;
- O agradecimento é uma forma de negar as gramáticas internas, só aceitando a norma como objeto de fala;
- O aluno reconhece que há uma língua superior e que precisa ser alcançada e que a escola no papel do professor o ajudou/ajudará.

Ademais, há outros tipos de depoimentos frequentes em sala de aula que revelam uma apatia quanto ao ensino-aprendizagem de LM, inviabilizando tal processo. Muitas vezes, as crenças linguísticas incorporadas no ambiente escolar fazem com que os discentes acreditem que (n)a língua portuguesa: *é uma das mais difíceis do mundo*, salienta-se a quantidade de regras gramaticais; *o estudo de determinado assunto é desnecessário*, dada a sua implicabilidade (por exemplo, verbos e suas flexões, as orações subordinadas, entre outros).

Talvez essa atitude seja explicada pela falta de relação entre a gramática ensinada na língua portuguesa e a gramática utilizada pelo falante/aluno. Assim, Lima e Souto Maior (2012, p. 410-411) alertam para o fato de que o ensino de LM baseado em classes gramaticais, numa perspectiva de identificação de termos, o docente, poderá, ao invés de facilitar e atrair o aluno para o aprimoramento da sua capacidade comunicativa,

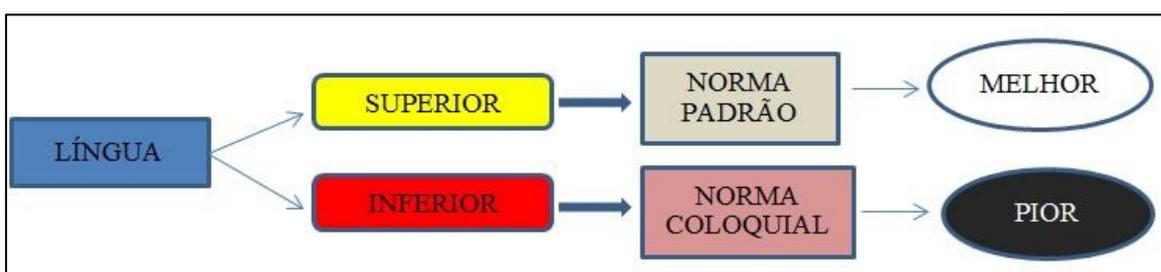
estrangeirizar a língua, ou seja, o discente não reconhece a língua apreendida em classe como a mesma utilizada em seus convívios sociais, afastando-o cada vez mais dela.

A relevância deste trabalho, assim, pauta-se na necessidade de fomentar crenças linguísticas positivas nos alunos-informantes, motivado pelo cotejo das respostas dadas para pesquisa, salientando o papel da escola e do professor na formação de cidadãos capazes de utilizar o seu patrimônio sociocultural: a Língua Portuguesa Brasileira como algo próprio e único, reflexo de uma sociedade e não regradora dela.

2 DOS ESTUDOS E CONCEITOS DAS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Os estudos das representações sociolinguísticas tiveram início nos anos 1960, com Wallace Lambert, psicólogo social, que estudou crenças, atitudes e identidades no tocante à línguas humanas. O precursor desse estudo inclui aspectos sociais, ideológicos e culturais da língua(gem) no que concerne à diversidade sociolinguística, mantendo-se uma complexidade e uma relação de poder (dominação pela língua) abrangente a todas as camadas sociais. Tal representação é forte aliada para a compreensão de questões linguísticas, em que a realidade do sujeito linguístico faz-se uma dicotomia quando se trata de valores e atitudes linguísticas, como se pode observar na figura 1:

Figura 1 – Fluxograma da normatividade linguística.



Fonte: Elaboração própria

A avaliação “melhor/pior” atribuída à língua acaba sendo incorporada a uma construção de crença, pautada em uma representação social e linguística, ou seja, o indivíduo julga a sua língua e a do outro, geralmente baseando-se na estrutura acima. Há outras áreas dentro das ciências humanas que estudam as particularidades dessa

problemática e o reconhecimento de uma identidade n(d)o falante para o desdobramento das suas pesquisas.

A Sociolinguística, criada no século XX, que nasce, também, com a finalidade de estudar os reflexos das estruturas sociais na língua, fazendo uma sistematização de variantes e variáveis linguísticas. Para ela, a língua é tomada como um sistema heterogêneo e dinâmico, no qual se releva a importância social da linguagem. É dentro da Sociolinguística que se permite identificar a influência das crenças e atitudes linguísticas no ensino-aprendizagem da LM, assim como discutir os fatores que interferem no ensino da LM, tomando o papel social do discente como sujeito identitário/protagonista, assim como o respeito às condições extraescolares.

Além disso, a Sociolinguística tem se empenhado, especialmente nos estudos qualitativos das duas últimas décadas, em estabelecer uma relação avaliativa entre o falante e sua língua, além de compreender questões como a (des)valorização do ensino de LM. Segundo Aguilera (2008, p. 105), as crenças e atitudes linguísticas são campos ainda pouco explorados, “embora a Sociolinguística insista na importância desse campo”, pois é através da identificação das crenças e atitudes linguísticas que se podem conhecer as reações subjetivas diante da própria língua ou da língua do outro.

Quanto aos conceitos, tomar-se-á por crenças um conjunto de verdades culturais construídas e impostas aos indivíduos sociais. Labov (2008, p. 176) diz que crença é “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são partilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão”.

Já as atitudes linguísticas podem ser como “a manifestação da atitude social dos indivíduos, identificada por centrar-se e referir-se tanto à língua como ao uso que dela se faz em sociedade” (MORENO FERNANDEZ, 1998, p. 179). Lambert e Lambert (1981, p. 100) dizem que “uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente”.

Os componentes essenciais de atitudes linguísticas são pensamentos, enquanto os de crenças, sentimentos e emoções, bem como tendências para reagir. Assim, podemos dizer que as atitudes têm um papel muito importante na determinação de nossos comportamentos perante nossas escolhas, na maneira de falar agir e pensar, positivamente ou negativamente, ajuda-nos a determinar em quais grupos vamos pertencer socialmente ou não.

Moreno Fernández destaca outras funções que podem ser verificadas nas atitudes, uma vez que também

[...]Influenciam decisivamente nos processos de variação e mudança linguística que se produzem nas comunidades de fala. Uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que a mudança linguística se realize mais rapidamente, que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra, que o ensino-aprendizagem de uma língua seja mais eficaz, que certas variáveis linguísticas se confinem a contextos menos formais e outras predominem nos estilos mais monitorados. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono de uma língua ou impedir a difusão de uma variável ou de uma mudança linguística. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179).

Pensando assim, tomam-se atitudes como um estímulo, uma conduta, uma reação ou até mesmo uma resposta, na qual destaca-se a relação entre as representações sociais e linguísticas. Petitjean (2009, p. 60) define a representação linguística como uma representação social da língua relacionada a um conjunto de conhecimentos não científicos, socialmente elaborados e compartilhados. Para a autora há uma bifurcação nas representações linguísticas, que são os níveis externo (relação do falante com outra língua) e interno (relação do falante com a própria língua), discutidos na próxima seção.

3 ENSINO DE LP PAUTADO NAS CRENÇAS, NAS ATITUDES E NA IDENTIDADE LINGUÍSTICAS

Desde a alfabetização, há um condicionamento à produção da norma padrão, imposta pela elite – uma minoria à maioria, em que se descartam as demais normas (gramáticas), sem uma reflexão quanto à diversidade. Durante esse processo, a criança – sujeito social em formação – exclui seus precedentes linguísticos e rotula a si e ao próximo, marginalizando questões de identidades línguo-culturais. Isso acontece desde o ensino infantil e é carregado por toda a vida, resultado de uma educação linguística baseada no desrespeito.

O comportamento dado à educação sem o respeito às diversidades estimula cenas em que se podem presenciar crianças corrigindo/policiando falas de adultos, idosos, ou até mesmo do colega, anulando a educação e a pauta defendida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): o respeito e a cidadania. Por mais que haja documentos oficiais com demandas bem definidas, há, em contrapartida, sujeitos e instituições sociais que influencia no ensino e na atuação docente, tais como a coordenação pedagógica, instituições organizadoras de concursos e até os próprios pais de alunos. Ou seja, por mais que o ensino seja pautado nas diversidades linguísticas a

escola, os concursos, os pais e a sociedade cobram do alunado a única regra que julgam melhor: a norma padrão.

Tais parâmetros destacam que não se deve insistir em um único modelo de língua para o ensino de Língua Portuguesa, mas sim no plurilinguismo. Além de que, conforme os PCNs, “não se pode mais insistir na ideia de que o modelo de correção estabelecido pela gramática tradicional seja o nível padrão da língua ou que corresponda à variedade linguística de prestígio” (BRASIL, 1998, p.31). Não se pode limitar o alunado a uma só língua - pois língua é um sistema de normas e códigos mutáveis que estabelece uma comunicação - isso é retroceder no processo educacional, pois a língua é múltipla e identifica classes, lugares, grupos, etc..

A escola e os elementos sociais dela constituíntes corroboram para a criação de barreiras no estudo/ensino de LM que reforça a negatização da língua perante o nível interno das representações linguísticas. Por mais que o objetivo desses elementos seja proporcionar o ensino se apropriando da noção de língua como conjunto de variedades e da adequação linguística, geralmente excluem-se as variantes, sejam elas sociais, geográficas, etárias ou sexuais, criando uma barreira entre o falante da sua língua materna, influenciando suas crenças e atitudes linguísticas.

Os pesquisadores da Psicologia Social e da Sociolinguística acreditam que as atitudes intervêm no comportamento do indivíduo e vice-versa: “uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente” (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 100). Com isso, afirma-se que há uma relação intrínseca entre ensino e a construção ideológica do sujeito falante quanto a suas crenças e atitudes a respeito da língua(gem).

Por conseguinte, essa temática – similarmente traz o papel da escola como formadora educacional da cidadania. Atrelado a isso, investigar crenças e atitudes linguísticas dos alunos em relação à língua ajudaria a revelar os sentimentos de valorização positiva ou negativa implantados enquanto estudantes e falantes da LM e como isso, possivelmente, influencia a relação do aluno/disciplina de Língua Portuguesa ofertada no currículo escolar desde o ensino infantil.

É preciso refletir também acerca da nomenclatura da disciplina Língua Portuguesa – assim que aparece – nos currículos escolares. Este questionário/pesquisa também permite discutir e ver como os alunos veem isso. Para que ensinar língua

(sentido literal), no caso a LP, se todos seus falantes a dominam e que não há, geralmente, o respeito às variações?

O que se postula nas entidades educacionais é o mero ensino de gramática – normas/regras – com o objetivo de reproduzir a discriminação, preconizando o “Não é correto falar assim...” sem o conhecimento da ramificação linguística: *fala x escrita*. Irandé Antunes tece, em suas obras, críticas e propostas para um “novo” ensino de Língua Portuguesa. Para ela, “O que se deve pretender com uma programação de estudo de Português [...] é ampliar a competência do aluno para o exercício cada vez mais pleno, mais fluente e interessante da fala e da escrita, incluindo, evidentemente, a escuta e a leitura” (2003, p. 110).

Isto é, o ensino de LP prioriza a norma e não o falante, o entende como sujeito uniforme e monolíngue. Para Morales (1993), o estudo das crenças e atitudes linguísticas (dos professores e alunos) afeta o ensino de LM, principalmente quando a escola prioriza uma língua e o professor/sistema acreditam ser única e propagam essa ideia na sala de aula e sociedade.

Concordante, Corbari reitera a importância desse estudo para a sociolinguística:

Para essa disciplina, a importância do estudo das atitudes linguísticas reside no fato de que elas, além de revelarem múltiplos aspectos para melhor entendimento de uma comunidade, influem decisivamente nos processos de variação e mudança linguística, bem como afetam a eleição de uma língua em detrimento de outra e o ensino-aprendizagem de línguas nessa comunidade (CORBARI, 2012, p. 113).

Assim, de forma metalinguística, o falante se identifica com a língua (pela escolha) e a língua identifica o falante (por valores). É uma construção de crenças que geram atitudes específicas da língua. De forma relacionada, as atitudes são os pensamentos, sentimentos, emoções e reações; as crenças relacionam-se com a adequação no convívio ao ambiente social. Por isso, a sociolinguística educacional defende a ruptura do estímulo à padronização da língua, isso gera uma reação no falante, normalmente negativa.

O ensino de LP baseado em nomenclaturas gramaticais, desperta uma insatisfação no aluno, criando uma sensação de estar estudando outra língua, muito diferente da falada em sua comunidade, pois não dialoga com a sua aplicabilidade discursiva.

Para Bakhtin (2003, p. 214), a concepção de língua é como uma forma de interação verbal e social realizada por meio de enunciações, não há como excluir o

social, ou seja, atentamos para o fato de que, por se realizar na interação verbal, a língua materializa-se em constantes mudanças, acompanha a evolução do ser humano no mundo, já que o mesmo está sempre querendo aprender e produzir coisas novas, com outros significados. Isto implica dizer que só conseguimos produzir novos sentidos na comunicação pela possibilidade de várias interpretações que o estudo da língua, em seu contexto, nos proporciona.

Sendo assim, a língua é “apreendida” no dia a dia, nas interações, no uso; é dessa forma que o falante consegue avançar linguisticamente, ou seja compreender melhor o sistema de regras, como expõe a metáfora a seguir:

Assim como qualquer pássaro, ao natural, “aprende” (não é o termo exato) a voar, e o peixe a nadar, portanto acabam dominando a “teoria do vôo” e a “teoria do nado”, assim qualquer criança, ao natural, “aprende” (termo inexato) a falar, por tanto acaba dominando a “teoria da fala”. (LUFT, 1995, p. 75).

O ensino normativo da gramática não traz avanço ao alunado e na medida em que o vê como um estranho, um desconhecedor de sua própria língua, torna-se danoso e opressivo. É perceptível no discurso dos alunos a aversão à disciplina. Certamente não são as regras o fundamento principal para o ensino de Língua Portuguesa, nem de outra língua qualquer, mas sim o contato social, a reflexão acerca da mesma, a leitura, a escrita, a criticidade, entre outros, que desenvolvem a linguagem do aluno. No entanto, se não houver um apreço pela língua falada, o discente não reflete, não lê, não escreve e não crítica.

Olhar para a língua e enxergar apenas uma única forma de aprendizado é um enorme equívoco. O exercício de memorizar regras gramaticais não traz benefícios em longo prazo para o ensino-aprendizagem, mas ao contrário, suscita no aluno a dispersão e o desgosto pela aula de LM. É preciso quebrar com esse estereótipo de “língua fechada” de “a língua portuguesa é para poucos”, de que “os alunos precisam se adequar à língua formal”. Esses são sentidos comuns mais do que ultrapassados. A sociedade brasileira precisa compreender que a língua falada pelos brasileiros é absolutamente heterogênea.

Para isso, como hipótese deste trabalho, advoga-se que a escola precisa trabalhar as crenças e atitudes linguísticas primando por uma reeducação sociolinguística dos sujeitos sociais que os formam, sejam professores ou alunos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) afirmam que “toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua

competência discursiva” (BRASIL, 1998), além de uma constituição ideológica e identitária, uma vez que Moita Lopes (2002) enfatiza que a identidade não é fixa, define-se historicamente, variando de acordo com as representações e interpelações culturais. Ou, ainda, é típico do ser humano estar em processo de constante construção e reformulação.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS

Após a identificação da problemática, fez-se uma revisão da literatura do tema – Crenças e Atitudes linguísticas – no âmbito da Sociolinguística Educacional e da Psicologia Social da Linguagem em busca, de uma caracterização sociolinguística da classe discente quanto à LP em/do município de Nossa Senhora do Socorro - Sergipe.

4.1 A pesquisa

Esta pesquisa valeu-se de uma metodologia de natureza quali-quantitativa, com aplicação de questionário de sondagem aos alunos do ensino fundamental II, do 6º ao 9º anos de uma escola da rede privada do município de Nossa Senhora do Socorro-SE. Através de um corte temporal transversal, busca-se investigar as crenças e atitudes linguísticas destes discentes quanto à valorização (positiva ou negativa) das variantes linguísticas e quanto ao ensino de LP.

O questionário semidirigido constituiu-se de 25 (vinte e cinco) questões, entre fechadas e abertas, adaptado de CYRANKA (2007). A amostragem somou 40 (quarenta) informantes, 10 (dez) alunos de cada série do Ensino Fundamental II (EF-II).¹

Depois da aplicação dos testes, as respostas foram recolhidas e analisadas percentualmente.

Para melhor entendimento da análise, utilizou-se “Q” para questões e “Inf.” para os informantes, estes últimos separados e enumerados da seguinte forma:

¹ Vide Apêndice A.

Quadro 1 - Perfil dos informantes da pesquisa

Série	Informantes	Idade Média	Sexo (M/F)
6º Ano	De 01 a 10	10 a 12 anos	3/7
7º Ano	De 11 a 20	11 a 13 anos	5/5
8º Ano	De 21 a 30	12 a 14 anos	5/5
9º Ano	De 31 a 40	13 a 15 anos	6/4

Fonte: Elaboração do autor

Durante a aplicação do questionário, houve uma dificuldade de encontrar uma abordagem o mais próximo de uma isenção de influência, para as perguntas.

4.2 Resultado

As análises a seguir foram feitas baseando-se na literatura revisada. Como estamos falando de um teste misto, pois avaliam as crenças e atitudes linguísticas, para melhor esclarecimento, temos questões que avaliam as crenças dos alunos, como aquelas que respondem aos critérios, por exemplo, questões relacionadas com fala, escrita, leitura, sua maneira de falar, o papel da escola, o comportamento linguístico do seu professor de Português etc. Já as atitudes perante a LP serão reveladas a partir das questões que abordam as variedades, modalidades da língua e de como eles enxergam a língua do outro.

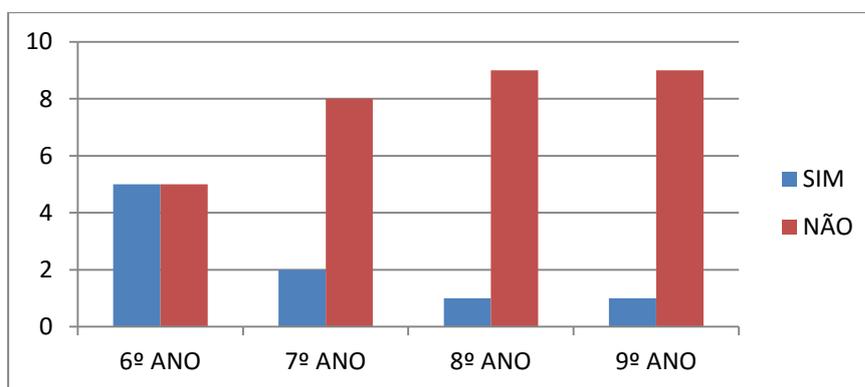
As duas primeiras questões (Q1 e Q2) indagavam acerca da língua falada e língua escrita. Todos os alunos responderam que falavam e escreviam o Português ou Língua Portuguesa: nomes da língua românica, vista como padrão no território nacional, mas que difere das variedades dos outros países lusófonos. Vários autores atestam a concepção monolíngue do brasileiro, que destaca haver uma única língua, a Língua Portuguesa, no território: portanto, para os falantes do Brasil, ser brasileiro e falar o português (do Brasil) são sinônimos.

Percebe-se que não há distinção para o discente das variantes linguísticas da fala e da escrita, certificando em suas respostas como a mesma língua. No entanto, um informante (Inf. 24) conseguiu estabelecer uma diferença entre a língua escrita e a falada por ele. Em conformidade a sua resposta, expôs que falava o português brasileiro

e escrevia português, criando um entendimento diferenciado de fala e escrita, transparecendo que tem uma noção que a língua escrita é mais global (Português da Lusofonia- Acordo Ortográfico) e não subjetiva/particular como a fala (Português brasileiro e Português Europeu).

Por mais que a classificação das questões anteriores coadune com a visão genérica de monolinguismo o gráfico 1 demonstra que 77,5% dos alunos questionados conseguem perceber, que o jeito que se fala não é o mesmo que se escreve.

Gráfico 1 - O jeito que você fala é o mesmo que você escreve?

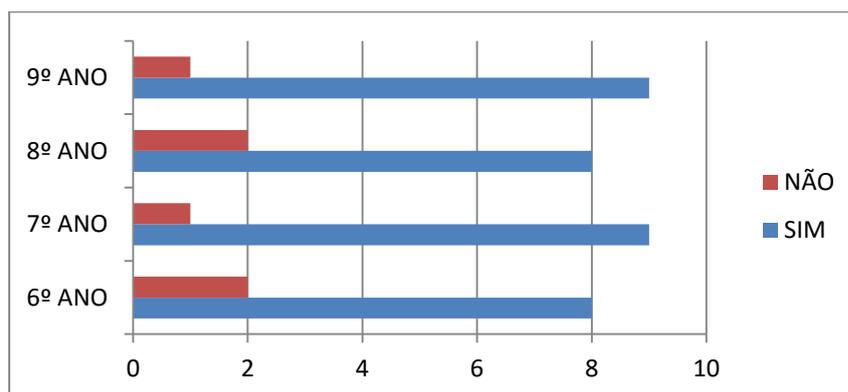


Fonte: Elaboração do autor.

É necessário chamar a atenção para os informantes do 6º Ano, série em que o estudo de conceitos como de *Língua, Linguagem e Variação* é estudado como conteúdo e metade dos discentes que responderam a essa pergunta, ainda não conseguem perceber a diferença entre língua e fala, talvez devido à imaturidade da idade, pois ao analisarmos as próximas séries, enxergamos um progresso em relação a essa diferenciação.

Como visto, há uma dificuldade - não abordada como deveria no contexto escolar - em nomear a língua que se fala, pois, historicamente, a língua escrita é tida como poder social e a fala acaba legada a um papel social menor. Essa assertiva é constatada, quando 85% dos questionados acreditam que a língua escrita é mais correta que a falada, como expõe no gráfico 2, sobre a valorização da modalidade de língua mais correta:

Gráfico 2 - Em sua opinião, a língua escrita é mais correta que a falada?



Fonte: Elaboração do autor

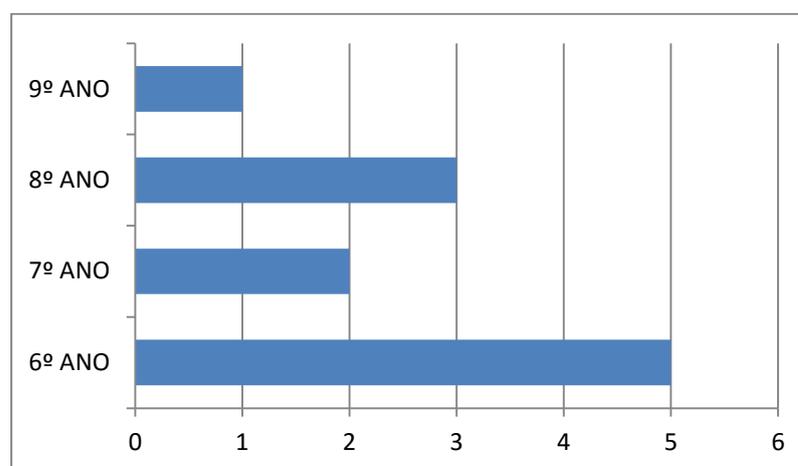
Quanto às crenças dos alunos acerca da sua escrita e fala, a Q5 (*Você escreve bem?*) e Q6 (*Você fala bem?*) tiveram uma valoração positiva, nas quais 62,5% dos informantes declararam que falam e escrevem bem. Analisando separadamente as questões, constata-se que 77,5% dos alunos acreditam escrever bem. Dos 22,5% que marcaram não escrever bem, 17,5% veem que falam melhor do que escreve. Possivelmente, a barreira da escrita se sobressaia aos conjuntos de regras que chamamos de gramática, metonimicamente confundida com língua. O aluno ainda se vê coagido pelas atitudes da sociedade, ou até mesmo dos professores, inferiorizando a sua ação linguística seja ela de fala e/ou escrita.

Sobre as crenças do alunado, a Q7 (*Você acredita que para escrever bem basta saber as regras de ortografia e de gramática?*) mostra que 62,5% dos questionados acreditam que, para escrever bem, basta saber as regras de ortografia e de gramática. Isso denota mais o poder dos manuais como ditadoras da escrita, o escrever como algo subordinado às regras, dispensando outras competências e habilidades do estudante para a criação textual. Vale ressaltar que, dentre os que acreditam que a gramática domina a escrita, 55,55% assinalaram, na Q5, que não escrevem bem, podendo-se induzir, também, que os informantes creem que o envolvimento das regras da língua os faz desacreditar que podem se expressar pela escrita.

O ensino de LP precisa ir além das regras. A língua é social e individual, onde a Fala e Escrita nem sempre estão interligadas no ensino. É preciso ensinar as adequações e modalidades da LP, erradicando mitos construídos sobre o quão difícil é aprender português e que o aluno nunca sabe o suficiente. Isso se enraíza nas crenças e reverbera em atitudes, quase sempre, preconceituosas.

A Q8 demonstra esse juízo de valor. Quando perguntados se, *para escrever direito era necessário mudar a maneira de falar*, doze (30%) responderam que *sim*. Mais uma vez, chama-se a atenção para a primeira série do EF-II, o 6º Ano, pois é preciso construir uma identidade linguística desde o infantil para que elas sejam solidificadas nos próximos níveis de ensino. Este público demonstraram mais descrenças na LP que as outras séries, como demonstra o gráfico, sinalizando quantos alunos por série responderam positivamente a Q8:

Gráfico 3 - Para escrever direito, é necessário mudar a maneira de falar?



Fonte: Elaboração do autor

Para 80% dos entrevistados, “Saber falar bem é tão importante quanto escrever bem”. Esse número expressivo da Q9 abre uma possibilidade de reflexão, que não será abordada nesse trabalho, a respeito do que o discente acredita ser falar e escrever bem. Visto que há uma equiparação entre fala e escrita, mas não se sabe os parâmetros e crenças que façam entender o falar/escrever bem. Outra reflexão torna-se viável, quando se fala de ensino de LP, como se dá a abordagem à oralidade em sala de aula, principalmente nos gêneros orais. A insegurança constante dos alunos em se posicionar durante um seminário ou até mesmo na verbalização de uma opinião em debate, sendo essa dificuldade majoritariamente receio de cometer desvios normativos na fala, com a correção dos colegas ou professores.

Julgamentos desnecessários cerceiam os falares e os agentes linguísticos. Muitas das vezes, a figura do professor de português é vista para além do detentor de conhecimento, mas alguém prestes a ser uma “gramática viva” e dominar as regras, pois os desvios na fala e escrita põe sua competência à prova. Há de se ter uma reeducação

sociolinguística no ensino de LP no Brasil, pois os dados demonstram a crença de que a língua resume-se à gramática normativa. Isso é demonstrado pois 62,5% dos alunos, na Q10, assinalaram positivamente, quando perguntados se um professor de LM competente deve falar de acordo com as regras da gramática.

Com exceção do Inf. 17, na Q12, os informantes não acreditam que, para aprender a escrever, o aluno deve aprender a falar igual ao seu professor de Português, mesmo o docente precisando falar a norma padrão para mostrar-se competente.

A Q11 também traz isso à tona, quando 80% dos alunos pensam que *a linguagem dos livros é mais bonita e melhor do que seu jeito de falar*, resposta já esperada, visto que a sociedade projeta uma fala padrão, o falar bonito para dentro e fora da sala de aula.

A sala de aula, embora tenha a função de acolher e propagar diversos conhecimentos, muitas vezes é palco de alguns preconceitos, redirecionando a função da escola no processo de ensino aprendizagem, o que seria um local acolhedor, respeitoso é visto como um ambiente ríspido e de regras, onde o aluno precisa, além de servir a regimentos sociais, falar o que eles acreditam ser a forma correta. E isso se propaga nas ações dos alunos perante a sociedade e a própria escola, creditando ao ambiente escolar à correção e não a construção do conhecimento.

Descritas e analisadas as questões de crenças, passam-se às questões de atitudes linguísticas. São as que julgam o falar alheio e as variantes nele inseridos.

A Q13 pedia para opinarem sobre se as pessoas analfabetas, quase sempre, falavam errado. A maioria das turmas julgou a falta de escolaridade como algo determinante para o “falar correto”. Observe os números: 7º Ano (100%), 6º Ano e 8º Ano (90%), 9º Ano (60%).

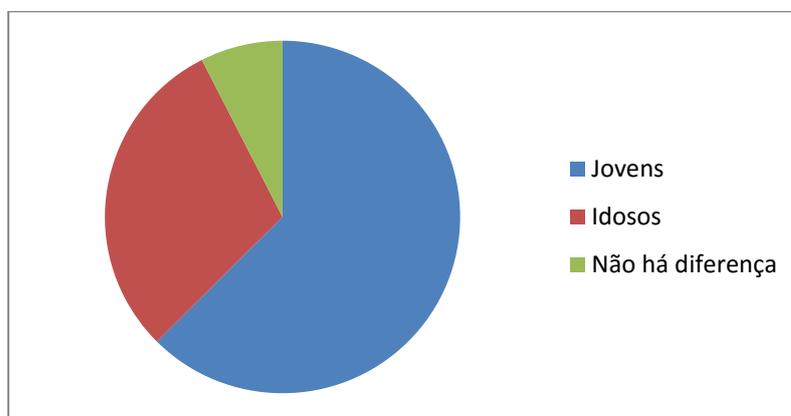
Percebe-se, segundo a Q14, que em Nossa Senhora do Socorro - SE há pessoas que falam diferentes deles, sendo assim, reconhecem as variações linguísticas do português brasileiro. Isso é justificado pelos 90% dos informantes, da Q15, que veem diferenças no português que se ouve entre os colegas, na TV e na escola, como diferentes.

Homens e mulheres falam igualmente? 85% dos questionados responderam *não* para esta questão Q16 e Q17. Como atitudes, julgaram que as mulheres têm a fala mais bonita que o homem (82,5%) e isso se justifica, segundo os informantes, pelo não uso de gírias; pela tonalidade da fala (os homens são ignorantes, falam alto); pela facilidade de aprender, pois falam corretamente; pela educação, são mais sutis, tem mais interesse

em aprender a norma culta; além disso, não xingam muito. Precisa-se levar em consideração que somente 52,5% dos entrevistados são do sexo feminino, ou seja, tanto homens, quanto mulheres acreditam, em sua maioria, que as mulheres falem melhor.

O uso da gíria e da coloquialidade da língua é um parâmetro crucial para o preconceito linguístico, pois muitos julgam negativamente a utilização do registro informal. Assim como homens e mulheres, a maioria dos questionados veem uma diferença entre o falar do jovem e do idoso, por meio do que foi perguntado na Q18. Veja o gráfico:

Gráfico 4 - Quem fala melhor?



Fonte: Elaboração do autor

As respostas dadas são reflexos de preconceitos mais sociais que linguísticos. A escolha entre o jovem e o idoso feita pelos entrevistados foi justificada pela falta ou excesso de idade/experiência, na escolaridade (muitos acham que idoso é sinônimo de analfabetismo), no uso de gíria, na qualificação do português e das palavras. Segundo alguns informantes (Inf. 2, 16, 26, 27, 34, 35, 36), o idoso fala melhor, pois os jovens usam muitas gírias, além do português e das palavras utilizadas pelo idoso serem mais cultas.

Já os que escolheram os jovens explicam a sua escolha por meio de: saúde (perda de memória, problemas na fala, vagarosidade na fala); tempo (idosos falam coisas do passado); escolaridade (os jovens têm mais oportunidades que os idosos tiveram); língua (atual x velha). No entanto, eles julgam que a saúde pode comprometer a dicção e/ou a escolha lexical.

Em contrapartida, há 3 (três) informantes (7,5% do total questionado) que não enxerga distinção entre a fala do jovem e do idoso, para eles, “apenas são costumes e

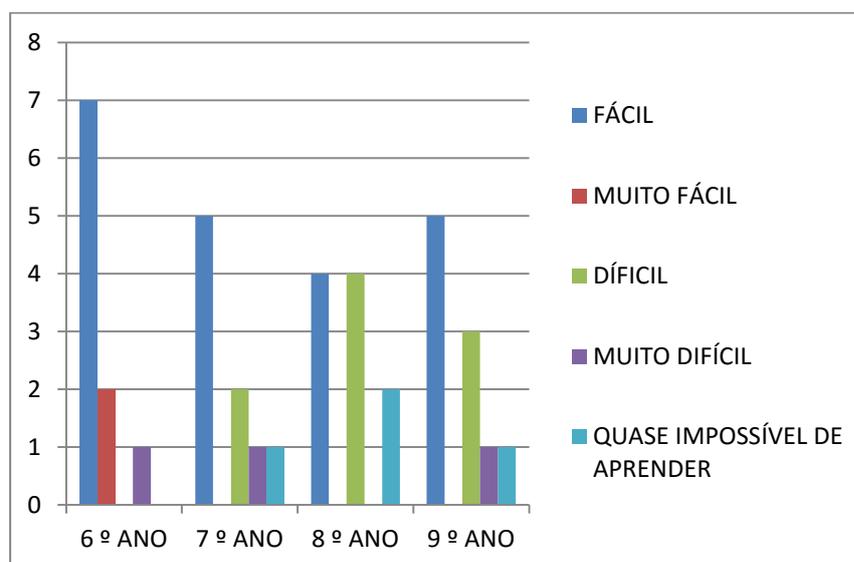
épocas diferentes”. Observa-se que nessa questão ficou nítida que os alunos entendem que a língua é mutável em relação à variável faixa etária e que também serve como objeto de identificação de um grupo, principalmente quando estabelece à língua, adjetivo como passado, velha, atual.

A Q19 reflete as atitudes dos questionados acerca das variantes linguísticas do interior e/ou dos estados brasileiros. Alguns veem com estranheza, como errada, diferente, reconhecem o sotaque, julgam “puxados/arrastados”, falam das gírias que são diferentes das faladas por eles. O inf. 31 afirma que “a fala é diferente, mas não errada, isso mostra a diversidade linguística”. Contradizendo, o inf. 19 acha que “eles falam meio puxado e tem várias gírias estranhas, falam muito errado, acho que o ensino é muito fraco”.

Eles julgam a língua alheia a partir da língua própria, como se eles não carregassem sotaques, identidades do seu grupo social, do gênero, como se a própria língua fosse “pura”. A justificativa para o modo diferente de falar dá-se pela escolaridade, dicção, saúde e/ou ensino fraco.

A utilização do personagem da turma da Mônica, o Chico Bento, nos livros didáticos traz também a necessidade de refletir as atitudes linguísticas. O personagem quase sempre é utilizado para criar o estereótipo de caipira e do “falar errado”, assim como o Cebolinha marca o rotacismo na língua, descaracterizando os problemas/variações da LP. Envolvidos com a imagem da Mônica, Cebolinha e Chico Bento, os informantes foram indagados na Q21 sobre quais dos três personagens falavam melhor e o resultado foi unânime: Mônica. As justificativas são as mesmas abordadas nos parágrafos anteriores. Ou seja, a escola por meios dos livros didáticos, elaborados nos grandes centros e vazios de regionalismo, afinal o olhar do sulista para o nordestino e vice-versa é caracterizado pelos estereótipos dos livros e mídias, perpetua muita das vezes esse olhar preconceituoso sobre a língua do outro, invertendo o princípio da educação que seria o do respeito pelo julgamento, os quais também, não se costuma ver nas obras didáticas, muito menos nos livros de LP.

Quanto à percepção do ensino de LP (Q21), os resultados estão dispostos no gráfico 5 :

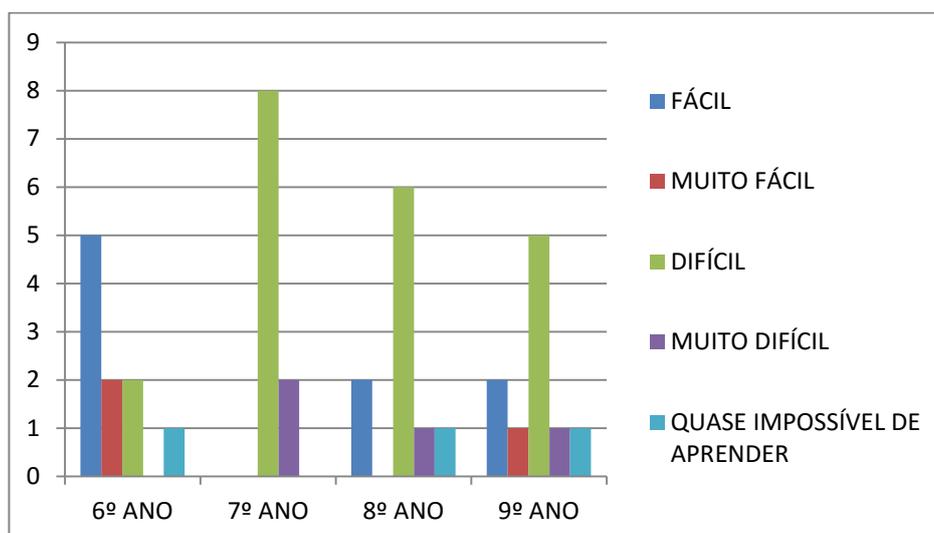
Gráfico 5 - Você acha a língua portuguesa ensinada na sua escola...

Fonte: Elaboração do autor

Por mais que o gráfico apresente que a maior parte dos alunos acredita a LP ser fácil, precisa-se observar que, com exceção do 6º Ano, o número de informantes que marcaram Difícil, Muito Difícil e Quase impossível de aprender se equipara ou passa o número de alunos que julgam fácil a LP.

Dentro da sala de aula, durante as aulas de LP há uma oposição quanto ao que os informantes gostam e o que os aborrece, perguntadas na Q23 (*Do que você mais gosta nas aulas de língua portuguesa?*) e Q24 (*Do que mais te aborrece nas aulas de língua portuguesa?*). Ficou claro que o aluno que gosta de normas/ regras gramaticais e/ou redação não é o mesmo que gosta de interpretação/leitura de texto e vice-versa. Isso é preocupante, pois fragmenta o ensino da disciplina de LP como blocos de um segmento que na verdade é um todo. Isso é notório quando uma instituição segrega a disciplina de LP em: Língua Portuguesa, Redação/Produção Textual, Interpretação de Texto e Literatura, como se fossem ramos diferentes e que não fossem interligadas, ainda assim, distribui tais disciplinas a professores distintos tanto de conhecimento quanto de metodologia, criando ainda mais uma barreira entre a disciplina e o alunado.

Quanto ao que eles acham sobre aprender as normas/regras gramaticais, as respostas, estão dispostas no gráfico 6:

Gráfico 6 - Você acha que aprender as regras gramaticais é:

Fonte: Elaboração do autor

Talvez o apreço ou não pela disciplina/course seja viabilizado por fatores afins à escola, como a estrutura, o perfil e abordagem(ns) do professor que leciona a disciplina, o regimento escolar, etc. Mas há sim uma problemática quanto ao ensino de LP, principalmente quando esse ensino ele é pautado nas regras, nomenclaturas, inviabilizando o gosto pela LM. As crenças e atitudes linguísticas ainda são um universo a se desvendar, bem como necessita-se de uma reeducação sociolinguística que proporcione a cidadania e o respeito à diversidade linguística vertical e horizontal no território brasileiro.

5 CONCLUSÃO

Por meio desta pesquisa bibliográfica sobre as crenças e atitudes linguísticas acerca da língua materna e, a partir de uma pesquisa de campo junto a alunos do Ensino Fundamental II, pode-se perceber como esse tema abarca a identidade do aluno dentro do sistema educacional do EF-II do município de Nossa Senhora do Socorro-SE. Trazendo reflexões sobre o papel da escola, do docente e da sociedade no desenvolvimento das habilidades e competências do discente, em um processo de enxergar a LP não como uma barreira, um problema, nem muito menos a partir de uma gramática.

Faz-se necessário conduzir o aluno e introduzi-lo na sala de aula de forma integral, não por partes, acreditando e suscitando nele aspectos sociais relevantes como respeito e formação, despertando-o para novas descobertas dentro da LM, acompanhando suas transformações, refletindo com elas.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. In. **ESTUDOS LINGUÍSTICOS**, São Paulo, 37 (2): 105-112, maio-ago. 2008.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003
- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**. São Paulo: Parábola, 2007;
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003(Tradução Paulo Bezerra).
- BORTONI-RICARDO. S. M. **Educação em Língua Materna: A Sociolinguística na Sala de Aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais – 1º e 2º Ciclos do ensino Fundamental – Língua Portuguesa**. Brasília: SEF/MEC, 1998.
- CORBARI, C.C. Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR). In: **SIGNUM: Estudos Linguísticos**, Londrina, n.15/1, p. 111-127, jun., 2012.
- CYRANKA, L. F. M. **Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora–MG**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística)–Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.
- FARACO, Carlos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo, Parábola Editorial, 2016.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma-padrão brasileira – Desembaraçando alguns nós**, in *Linguística da Norma - Marcos Bagno [org], humanística*. 2ª edição: agosto de 2004. Edições Loyola, São Paulo, Brasil.
- HOUAISS, Antônio. **O português no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Scherre; Caroline Cardoso. – São Paulo: Parábola, 2008.
- LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1966.
- LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015, 320 p.
- LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino**. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades Fragmentadas: A Construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras Editora, 2002.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de Sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.
- MÜLLER de OLIVEIRA, G. **Brasileiro fala português: Monolinguísmo e Preconceito Linguístico**. *Linguagem*, v.11, nov./dez., 2009.

PETITJEAN, C. **Représentations linguistiques et plurilinguisme**. Thèse de doctorat des Université de Provence et de Neuchâtel, spécialité Sciences du langage, 2009. Disponible en: http://doc.rero.ch/lm.php?url=1000,40,4,20100224121740-CN/Th_Petitjean.pdf

ABSTRACT

The present work had as objective to describe and analyze the linguistic beliefs and attitudes of students of Junior High School of a private school of Nossa Senhora do Socorro in the Portuguese Language, questioning them about school and extracurricular aspects that influence the teaching- learning. For a better approach and understanding, a field survey was carried out, through a questionnaire, with 40 (forty) students, 10 (ten) out of each grade, from the 6th to the 9th Year of the Junior High School.

Keywords: linguistic beliefs and attitudes; teaching; identity; Portuguese language.

APÊNDICE

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO (Adaptado de CYRANKA, 2007)

(FAVOR PREENCHER A TODAS AS QUESTÕES DE FORMA COMPROMETIDA)

SÉRIE: 6º ANO 7º ANO 8º ANO 9º ANOSEXO: MASCULINO FEMININO

1- Que língua você fala?

2- Que língua você escreve?

3- O jeito que você fala é o mesmo que você escreve?

 SIM NÃO

4- Em sua opinião, a língua escrita é mais correta do que a falada?

 SIM NÃO

5- Você escreve bem?

 SIM NÃO

6- Você fala bem?

 SIM NÃO

7- Você acredita que para escrever bem basta saber as regras de ortografia e de gramática?

 SIM NÃO

8- Para escrever direito, é necessário mudar a maneira de falar?

 SIM NÃO

9- Saber falar bem é tão importante quanto escrever bem?

 SIM NÃO

10- Um professor de Português competente deve falar de acordo com as regras da gramática?

 SIM NÃO

11- A linguagem dos livros é mais bonita e melhor do que seu jeito de falar?

 SIM NÃO

12- Você acredita que para aprender a escrever, o aluno deve aprender a falar igual ao seu professor de Português?

SIM NÃO

13- Na sua opinião, as pessoas analfabetas, quase sempre, falam errado?

SIM NÃO

14- No Brasil, há pessoas que falam diferente de você?

SIM NÃO

15- O português que você ouve entre os colegas, na TV e na escola é o mesmo?

SIM NÃO

16- Homem e mulheres falam igualmente?

SIM NÃO

17- Qual fala é mais bonita, a do homem ou da mulher? Por quê?

Homem Mulher

18- Jovens e Idosos falam de maneira diferente? Quem fala melhor? Explique.

19- Você costuma viajar para outros lugares dentro do Estado ou até mesmo fora?

Como é a fala dos cidadãos do lugar visitado?

20- Quais desses personagens falam melhor? Por quê?



()Mônica ()Chico Bento ()
Cebolinha

21- Você acha a língua portuguesa ensinada na sua escola

Fácil Muito Fácil Difícil Muito Difícil Quase impossível de aprender

22- Você considera a língua portuguesa ensinada na sua escola: (Pode marcar mais de uma alternativa)

- igual a que você aprendeu junto com a tua família/amigos
- parecida com a que você aprendeu junto com a tua família/amigos
- diferente da que você aprendeu junto com a tua família/amigos
- muito diferente da que você aprendeu junto com a tua família/amigos
- praticamente uma outra língua

23- Do que você mais gosta nas aulas de língua portuguesa? (Pode marcar mais de uma alternativa)

- o estudo da interpretação de texto
- o estudo das normas/regras gramaticais
- o estudo de redação
- a leitura de texto
- outros _____

24- O que mais te aborrece nas aulas de língua portuguesa? (Pode marcar mais de uma alternativa)

- o estudo da interpretação de texto
- o estudo das normas/regras gramaticais
- o estudo de redação
- a leitura de texto
- outros _____

25- Você acha que aprender as regras gramaticais é

Fácil Muito Fácil Difícil Muito Difícil Quase impossível de aprender